



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – CAMPUS I**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**KÁTIA PRISCILA OLIVEIRA BRITO**

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS**  
**DOCENTES**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

**KÁTIA PRISCILA OLIVEIRA BRITO**

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVA E PRÁTICAS  
DOCENTES**

Trabalho de conclusão de curso em forma de artigo apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Tatiana Cristina Vasconcelos

**CAMPINA GRANDE- PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B862a Brito, Kátia Priscila Oliveira.  
Afetividade na educação infantil [manuscrito] : perspectivas e práticas docentes / Kátia Priscila Oliveira Brito. - 2019.  
43 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Educação infantil. 2. Afetividade. 3. Aprendizagem. I.  
Título

21. ed. CDD 372

KÁTIA PRISCILA OLIVEIRA BRITO

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS  
DOCENTES

Trabalho de conclusão de curso em forma de artigo apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Área de concentração: Psicologia Educacional

Aprovada em: 18/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Tatiana Cristina Vasconcelos

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana Cristina Vasconcelos (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Glória Maria Leitão de Souza Melo

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glória Maria Leitão de Souza Melo (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Valdecy Margarida da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valdecy Margarida da Silva (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, Geraldo de Brito. Por toda dedicação,  
incentivo e companheirismo, DEDICO. Luz da minha  
vida!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida. Que em todos os momentos me deu força e saúde para continuar firme. Meu maior mestre.

À professora, Tatiana Vasconcelos, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e por sua dedicação.

Ao meu Pai, Geraldo de Brito, por todo o companheirismo, compreensão, incentivo e amor. Minha grande fonte de inspiração!

À minha mãe, Maria Anunciada (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sinto sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos meus irmãos, Marcio, Patrícia, Raquel, Sofia e Lara, e aos meus sobrinhos, Pedro e Ryan. Que nos momentos de minha ausência, dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir de constante dedicação no presente.

À esposa do meu Pai, Sônia, por ouvir minhas aflições e sempre me apoiar.

Obrigada primos, Nielson e Marcela! Grata sou por todo incentivo e força.

A todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação. Obrigada!

O indivíduo é social não como resultado de circunstâncias externas, mas em virtude de uma necessidade interna.

Henri Wallon

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>08</b> |
| <b>2. INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E<br/>LEGISLAÇÃO.....</b>  | <b>10</b> |
| <b>3. AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA<br/>CRIANÇA.....</b> | <b>21</b> |
| <b>4. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>                                      | <b>27</b> |
| <b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>                         | <b>28</b> |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                       | <b>37</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>39</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>  | <b>43</b> |



## AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS DOCENTES

Kátia Priscila Oliveira Brito

**RESUMO:** A afetividade é fundamental na constituição do sujeito. Considerando a criança na sua condição concreta, decorrente da sua materialidade e a infância como experiência repleta de caminhos para o aprimoramento da condição humana por meio da relação entre o sujeito e os seus processos de vida e de educação, a afetividade presente no contexto da Educação Infantil é tema que merece destaque. O presente artigo tem como objetivo principal discutir a importância da afetividade na Educação Infantil. Para alcançar tal objetivo, realizamos um Estudo de Caso, com abordagem quanti-qualitativa com a participação de dez professoras de turmas do Maternal I e Maternal II de uma Creche na cidade de Queimadas-PB. Através de um Questionário semi-estruturado foram analisadas e discutidas as respostas das educadoras, com base nas propostas teóricas de Wallon (1975), Ariès (1981), Vigotski (1998), Sarmiento (2008) entre outros. Os principais resultados revelaram que os laços afetivos são muito importantes para a construção da aprendizagem, pois para as professoras é de grande importância a afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem, uma vez que a aprendizagem acontece de forma mais prazerosa. Elas também buscam inserir em suas práticas pedagógicas atividades de cunho afetivo e tentam manter um bom relacionamento com as crianças. Portanto, conclui-se que a escola/professor deve considerar a afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem para proporcionar o desenvolvimento integral da criança.

**Palavras-chave:** Afetividade; Educação Infantil; Aprendizagem

**ABSTRACT:** Affectivity is fundamental in the constitution of the subject. The chance to be one of the concrete pupils, from their materiality and a childhood as the experience of a path to the improvement of human science through the relationship between the subject and his life and education processes, the affectivity present in the The context of Early Childhood Education is a theme worthy of note. The main objective of this article is the relevance of affectivity in Early Childhood Education. For this performance, we carried out a Case Study, with a quantitative approach with the participation of ten teachers from the Maternal I and Maternal II classes of a Nursery in the city of Queimadas - PB. Through a questionnaire were analyzed and discussed as responses of educators, based on the propositions of Wallon (1975), Ariès (1981), Vigotski (1998), Sarmiento (2008) among others. The results revealed that the affective bonds are very important for the construction of the learning, because it is a factor of great relevance for the learning of a learning process, since it occurs in a more pleasurable way. They also seek to incorporate affective activities into their pedagogical practices and maintain a good relationship with children. Therefore, it concludes the school / teacher development in development and learning for the integral development of the child.

**Keywords:** Affectivity; Early Childhood Education; Learning

## 1. INTRODUÇÃO

A afetividade acompanha o ser humano durante toda sua vida e desempenha um papel fundamental no seu desenvolvimento e em suas relações sociais. Estas são permeadas por aspectos afetivos que caracterizam a formação da personalidade humana, desde o nascimento até a morte, e fundamentam a construção de significados nas experiências vividas. Portanto, a afetividade é fundamental na constituição do sujeito. Numa perspectiva Histórico-Cultural, a condição humana é permeada pela historicidade, concentricidade e totalidade. O mesmo se aplica as ideias de criança, infância, aprendizagem e Educação que norteiam o desenvolvimento do presente estudo (SOUZA, 2007).

A criança, como sujeito de sua atividade, capaz e competente na sua relação com o mundo, é rica em potencialidades e competências, ativa e curiosa para se engajar no mundo da cultura, historicamente constituído. É na relação com os outros homens que a criança aprende a conviver socialmente, e a utilizar os objetos criados historicamente, e, assim, vai reproduzindo para si as capacidades e habilidades humanas que estão incorporadas nos objetos materiais e não materiais da cultura. O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social (KRUEGER, 2002).

Neste trabalho, o principal objetivo é discutir a importância da afetividade na Educação Infantil no contexto do processo desenvolvimento e aprendizagem. Tendo como objetivos específicos, analisar a relação de afetividade entre professor-criança; investigar a concepção de afetividade para as professoras e de que forma a afetividade é inserida em suas práticas pedagógica; e identificar qual a importância da afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A infância, por sua vez, é entendida não como um acontecimento estático, mergulhado em um vazio social, mas sim como um fenômeno concreto (material e imaterial) e, por isso, mediatizado por temas sociais, políticos e econômicos do mundo contemporâneo, por isso, aconselha-se o uso do termo no plural, ou seja, não se trata de uma infância, mas infâncias. A infância é uma fase marcada, por aumento, dentre outras pelo processo de construção da autonomia e pela adaptação progressiva ao meio físico e social, e nessa fase a afetividade contribui, sem dúvidas, para o desenvolvimento cognitivo e moral da criança (SOUZA, 2007).

O debate nacional acerca das políticas para a educação de crianças no Brasil é atual e emergente. Com o aumento de pesquisas de referencial sociológico, os estudos sobre a educação infantil em nosso país têm focalizado inúmeros aspectos e os diferentes atores e pontos de vista sobre as experiências no ambiente de cuidado e educação das crianças de 0 a 5 anos (SARMENTO, 2008).

Para que a criança tenha um desenvolvimento saudável (cognitivo, biológico e sócio afetivo) é importante ela se sentir segura e acolhida na instituição escolar de Educação Infantil. Sendo assim, o ambiente na qual esteja inserida deve lhe proporcionar relações interpessoais positivas. A afetividade, neste caso, pode ser uma facilitadora do processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Diante do exposto, torna-se relevante destacar que a afetividade e suas implicações no processo do desenvolvimento e aprendizagem na Educação Infantil, sempre foi um tema que chamou a minha atenção. Pois, como trabalho na área há algum tempo, tento ter como busco ter como base norteadora da minha prática o afeto. Para mim, a afetividade é essencial para as relações humanas, em especial no contexto da Educação Infantil.

É cada vez mais comum que crianças brasileiras passem parte de seu tempo em escolas de Educação Infantil. É crescente, também, o número dessas instituições, bem como a quantidade de profissionais que se dedicam a essa etapa da educação. Isto se deve, entre outros fatores, ao reconhecimento de que o acesso a uma educação de qualidade nos primeiros anos de vida auxilia o desenvolvimento infantil (SOUZA, 2007; MARQUES; SPERB, 2013). Portanto, Educação Infantil se torna um lócus interessante de estudos para pedagogos, sociólogos, psicólogos e demais profissionais da educação e da saúde que buscam compreender o humano.

Nesse sentido, o presente estudo foi embasado em alguns teóricos para poder adentrar nos aspectos que fazem parte da afetividade infantil e de como podem contribuir no desenvolvimento da criança. Temos como referencial teórico Wallon (1975), Ariès (1981), por serem autores com grande colocação sobre esse tema.

Para contribuir com nosso trabalho, realizamos um Estudo de Caso, tendo como base um questionário que foi respondido por dez professoras de uma Creche Municipal da cidade de Queimadas- PB, que atuam com crianças entre 2 anos à 3 anos e 11 meses. Suas respostas foram norteadoras na busca de compreender mais acerca da relação entre afetividade e aprendizagem no contexto da Educação Infantil.

O presente trabalho está organizado em quatro tópicos. No primeiro tópico infância e educação infantil: concepções e legislação, vamos falar um pouco sobre a concepção histórica

da infância e dos surgimentos dos direitos da criança. No segundo tópico, afetividade, aprendizagem e desenvolvimento da criança, trazemos estudos teóricos sobre a afetividade e aprendizagem. No terceiro tópico, explicamos toda a metodologia utilizada no estudo. E, por fim, no quarto tópico vamos discutir e analisar os dados obtidos.

## **2. INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E LEGISLAÇÃO**

Delimitar as concepções de criança, infância (s) e Educação Infantil torna-se primordial antes mesmo de focalizar na questão da afetividade nesse contexto. Portanto, consideramos a criança enquanto sujeito do conhecimento, considerando sua atividade na cultura, dadas as condições objetivas deste mundo que a permite interiorizar as qualidades humanas ali presentes. Segundo Kramer (1992) uma concepção que reconhece na infância seu poder de imaginação, fantasia e criação, entendendo que as crianças produzem cultura e possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem, nos impulsiona a olharmos o mundo por meio da ótica da criança.

A infância é uma construção social, sendo elaborada nas relações sociais para elas. Embora infância se constitua de fatores biológicos, no entanto, a maneira como a infância é compreendida é determinada socialmente. A infância pode ser contextualizada conforme alguns fatores como: classe econômica, cultura, tempo, deste modo, não existe nenhuma infância natural, mas muitas infâncias e crianças.

As crianças fazem parte de uma construção e estão determinando suas próprias vidas, aliás, não só a delas como também a vida dos que fazem parte do seu convívio, contribuindo para a aprendizagem, ou seja, os relacionamentos sociais e as culturas das crianças são dignos de estudo, pois, elas têm voz própria e devem ser ouvidas de modo a serem levadas a sério, envolvendo-as no diálogo e até sendo considerado a tomada de decisões. As crianças têm sua contribuição para os recursos e produções sociais, não sendo apenas uma mera carga (SOUZA, 2007).

Para Dalberg, Pence e Moss (2003 citado por SOUZA, 2007), “a infância é um fenômeno permanente na sociedade. As crianças vivem através da infância” (p. 85). Essa afirmativa indica a relação criança/infância como categorias sociais. Se a infância é um conceito historicamente construído, as crianças que vivem através dela e os lugares que ocupam na sociedade, também estão sendo historicamente construídas e modificadas. Em cada tempo histórico ou sociedade, os papéis atribuídos à criança se modificam.

Antes de adentrar na Educação Infantil, é importante falar um pouco sobre a construção da infância. A infância nem sempre foi vista como é hoje. Para Ariès (1981), na velha sociedade tradicional, as crianças eram um ser insignificante para a família e para a sociedade. Considerando dessa forma, desnecessário gastar tempo ou razão para tocar em sua sensibilidade. Um sentimento superficial era reservado apenas a criança em seus primeiros meses de vida. Elas eram tratadas como um brinquedo, um animalzinho para a diversão dos adultos, isso se não morresse logo, tendo em vista a alta taxa de mortalidade daquela época. [...] “Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia (ARIÈS, 1981. p.10).”

A ideia da criança na escola, na creche, data de pouco mais de um século. Até a Idade Média, a criança não tinha um tratamento específico, claramente diferente do orientado ao adulto. O mundo adulto misturava-se ao mundo da criança, pois não havia uma compreensão da infância como um momento singular da vida humana, pelo qual a criança passava. A ideia de infância se formou muito lentamente, ao longo dos últimos séculos. Portanto, a infância é uma construção social. Durante os últimos séculos, o papel social atribuído às crianças como um grupo social foi se modificando muito: “no interior de uma mesma sociedade, são objeto de variação e mudança em função de variáveis sociais como a classe social, o grupo étnico etc.” (SARMENTO, 2001, p. 13).

Assim que essas crianças deixavam de ser dependentes de suas mães, elas eram introduzidas no mundo dos adultos. A criança não passava pelos estágios estabelecidos atualmente. Elas vivenciavam tudo aquilo que o adulto vivenciava, sem restrição. A criança era um adulto em miniatura. Sua veste, característica, comportamento eram baseados no do adulto. Segundo Ariès (1981), [...] “o mundo das formulas românicas, e até o fim do século XIII, não existe crianças caracterizadas por uma expressão particular, e, sim, homens de tamanho reduzido.” Era dessa forma que as crianças eram educadas, no convívio integral com os adultos.

A partir do Século XVIII, houve uma mudança considerável a respeito da educação das crianças. Foi então que a escola passou a usar da aprendizagem como meio de Educação. Então, as crianças nessa época deixaram de ser misturadas aos adultos e de aprender diretamente com sua inspiração (pai ou mãe).

A despeito de muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então, um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se

estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização (ARIÈS, 1981, p. 11).

O lar tornou-se, então, um lugar de afeições necessárias, passando a valorizar os filhos, esposas e pais. Essa afeição se deu através da importância que teve a Educação. Sendo assim, os filhos não eram tidos apenas como bens e nem simplesmente por questão de honra. Os pais passaram a ter um sentimento novo, eles passaram a se preocupar e acompanhar a Educação de seus filhos.

A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu do seu antigo anonimato. Que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde ser mais reproduzida várias vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. Portanto, não surpreende que essa revolução escolar e sentimental tenha sido seguida, com o passar do tempo de um malthusianismo demográfico, de uma revolução voluntária da natalidade, observável no século XVIII (ARIÈS, 1981, p. 12).

A concepção de Infância, de preocupação com a educação moral e pedagógica, são ideias que surgiram mais na modernidade. Por muitos séculos a criança esteve sob controle e responsabilidade exclusiva da família. Tendo em vista que era no convívio com adultos que elas aprendiam suas regras e a tradição da sua cultura. Segundo Kuhlmann (2001), na Europa, o grande impacto causado pela Revolução Industrial, possibilitou a entrada em massa da mulher no mercado de trabalho. A maquinaria permitiu trabalhadores sem forças musculares, sendo assim, possibilitando a entrada de mulheres e crianças nas fábricas.

Desta forma, o nascimento da Indústria alterou a estrutura familiar, uma vez que, às mães operárias que não tinham com quem deixar os seus filhos, passaram a recorrer às mães mercenárias que vendiam seus serviços, cuidando assim dos filhos de outras mulheres. Com a crescente participação dos pais no trabalho das fábricas, começaram a surgir novas formas de serviços mais formais. Mulheres da comunidade passaram a adotar atividades de memorizações, assim como também passaram a reforçar atividades relacionadas a bons hábitos e regras morais.

Criou-se uma nova oferta de emprego para as mulheres, mas aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, pobre e despreparada mulher. Tudo isso, aliado a pouca comida e higiene, gerou um quadro caótico de confusão, que terminou no aumento de castigos e muita

pancadaria, a fim de tornar as crianças mais sossegadas e passivas. Mais violência e mortalidade infantil (RIZZO, 2003, p. 31).

No final século XIX, com o intuito de guardar as crianças enquanto as mães trabalhavam, as primeiras instituições criadas para a educação da primeira infância, foram as creches e Jardins de Infância, que tiveram inicialmente uma visão assistencialista cujo foco era guardar, prestar os cuidados físicos da criança, alimentação e higiene. Tendo em vista que, elas já se apresentavam como pedagógicas desde o início. “[...] o seu papel não foi somente o de guardar a pequena infância popular, mas, em nome de um projeto educativo, de disputar esta clientela às guardiãs de quarteirão” (KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p. 8).

Os estudos que atribuem aos Jardins de Infância uma dimensão educacional e não assistencial, como outras instituições de educação infantil, deixam de levar em conta as evidências históricas que mostram uma estreita relação entre ambos os aspectos: a que a assistência é que passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à infância em instituições educacionais e o Jardim de Infância foi uma delas, assim como as creches e escolas maternas (KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p. 26).

No Brasil, no século XIX a Educação Infantil foi implantada apenas com a visão assistencialista por um longo período, assim, diferenciando-a das demais já criadas na Europa e América do Norte. Seu caráter era de auxiliar mães que trabalhavam e viúvas. Outro fator que contribuiu para a implantação dessas instituições foi o acolhimento de órfãos abandonados e esquecidos pela sociedade.

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche (DIDONET, 2001, p. 13).

É importante ressaltar que, por um tempo fizeram arranjo alternativo para atender a classe menos favorecida. O primeiro Jardim de Infância público, criado no Brasil, é do ano de 1896 na cidade de São Paulo. A criação do Jardim de Infância passou a ser defendido por trazer vantagens para a Educação Infantil.

Com a industrialização cada vez mais avançada, as mães envolvidas no mercado de trabalho, a procura por essas instituições de assistência às crianças aumentou. Essas mães passaram a reivindicar melhores condições de trabalho e criação de institutos para educação de seus filhos.

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternais para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternais e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor (OLIVEIRA, 1992, p. 18).

Com a proposta de educação racional e separatista, o Jardim de Infância deu-se para a classe privada e as instituições para os menos favorecidos. Onde, o Jardim de infância eram financiados pelos próprios pais e tinha uma visão apenas pedagógica. Segundo, Kuhlmann (2001, p. 20), “[...] servia como uma estratégia de propaganda mercadológica para atrair as famílias abastadas, como uma atribuição do jardim de infância para os ricos, que não poderia ser confundido com asilos e creches para os pobres”.

A educação institucionalizada da criança pequena, adotada no final do século XIX, surge com uma concepção de guarda e cuidado, sobretudo para as crianças pobres. Para os filhos da elite, criaram-se os colégios internos e os jardins-de-infância, orientados à educação preparatória para o ensino formal: a criança se torna um objeto a ser conquistado e controlado (KUHLMANN Jr., 1998). Por outro lado, cabe uma ressalva que a ciência moderna, ao elaborar um conjunto de características sobre a criança, reconheceu a infância como um momento do desenvolvimento humano, abrindo campo para vários estudos e orientações no cuidado e educação desse grupo etário - o universo infantil.

As instituições de Educação Infantil viveram um lento processo de expansão. Após décadas, a Educação Infantil passou por mudanças, nas quais, a criança foi englobada em seu modo mais abrangente, cada um com sua maneira particular. Desta forma, a criança passou a ter o seu lugar na sociedade e foram assegurados pela lei, direitos a essas crianças.

Ao longo das décadas, foram mencionados a proibição de trabalho para menos de 14 anos e direito a saúde. Trazendo um pouco mais para a atualidade, a primeira iniciativa para ajustar essa situação foi a Constituição Federal de 1988, que é considerada uma constituição mais cidadã, pois assegurou alguns direitos para a infância e juventude. A Constituição



Federal de 1988 permitiu um novo cenário no debate das políticas públicas, sociais, de educação e saúde.

Após a Constituição de 1988, fez-se necessário a criação de uma Assembleia Constituinte, um grupo ficou responsável para analisar e trazer avanços significativos para o público infanto-juvenil. Foi então criado o Estatuto da Criança e do Adolescente – (ECA). O Estatuto foi dividido em duas partes, a primeira trata da proteção dos direitos fundamentais à pessoa em desenvolvimento e a segunda trata dos órgãos e procedimentos protetivos (BRASIL, 1990).

Nos anos de 1990, um grande movimento político-educacional discutiu uma nova proposta para a creche e a pré-escola. A Educação Infantil de zero a seis anos, anterior à Constituição e ao Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, não era incluída como prioridade de ensino. No entanto, a implementação desse documento (ECA) foi um grande desafio para todos os envolvidos, o que ocasionou um comprometimento com a garantia desses direitos. Para dar um suporte maior na educação brasileira, no ano de 1996 entrou em vigor a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) com a finalidade de retomar o foco na Educação e cultura.

A LDB (BRASIL, 1996) trouxe a inclusão da Educação Infantil (creches e pré-escolas) como primeira etapa da educação básica e também garantiu que essa educação básica deve ser obrigatória e gratuita. A partir da LDB deu-se início as Diretrizes Curriculares Nacionais – (DNC), com normas obrigatórias e com a intenção de melhorar e nortear procedimentos básicos nas escolas, como a prática pedagógica, organização, articulação, desenvolvimento e avaliação.

“É incumbência da União estabelecer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum” (BRASIL,1996).

Com uma perspectiva de melhorar a Educação Básica, foram criados outros documentos ao longo dos anos, que buscavam nortear quanto ao currículo. Um deles foi os Parâmetros Curriculares Nacionais – (PCN), cujo enfoque é fazer reflexão sobre a prática pedagógica dos docentes e planejamento de aula. Esse documento é uma orientação quanto a cotidiano escolar. Mesmo que a escola tenha seu Projeto Político Pedagógico ela deve embasar-se nos PCNs (BRASIL,1997).

Voltado exclusivamente para a Educação Infantil, criaram o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- (RCNEI). O Referencial, integra-se a uma série de documentos criados a partir dos PCN's e tem seu foco no desenvolvimento da criança de zero a seis anos, afim de trazer orientações didáticas, objetivos e conteúdo, para profissionais que atuam diretamente com essa faixa etária. Este documento foi considerado um avanço na educação infantil ao buscar soluções educativas para a superação, de um lado, da tradição assistencialista das creches e, de outro, da marca da antecipação da escolaridade das pré-escolas. No entanto, este documento ainda considera que a criança responde através de estímulos de adultos, no caso da escola e dos professores. Desta forma, discutem-se as implicações do conceito de motivação intrínseca termos cognitivos e afetivos, em geral e sobre o comportamento lúdico em particular. Assim, enfatizando a relação à coerência e rigor de seus fundamentos teóricos e às suas potencialidades como orientação para profissionais envolvidos na prática da educação pré-escolar (BRASIL, 1998).

Outro documento são as Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação Infantil- (DCNEI), em que coloca a criança no centro, considerando a interação social o grande fator de aprendizagem e traz abordagens como princípios éticos, estéticos e políticos na Educação Infantil. Ou seja, o currículo não é aquele que define a priori, mas sim, aquilo que é vivenciado com as crianças, a partir dos seus saberes, manifestações (BRASIL, 2009).

E, por último, foi criado a Base Comum Curricular Nacional – (BNCC), no qual, reforça a visão da criança como protagonista, e sua potencialidade em transformar a cultura e a sociedade. A BNCC tem por objetivo estabelecer competências, habilidades e conhecimentos que os estudantes deve desenvolver ao longo da escolaridade básica, orientada por princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes. Desta forma, busca nortear os currículos dos estados e municípios de todo o Brasil a partir dessas perspectivas, a BNCC coloca em curso o que está previsto no artigo nove da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) sancionada em 1996 (BRASIL, 2017).

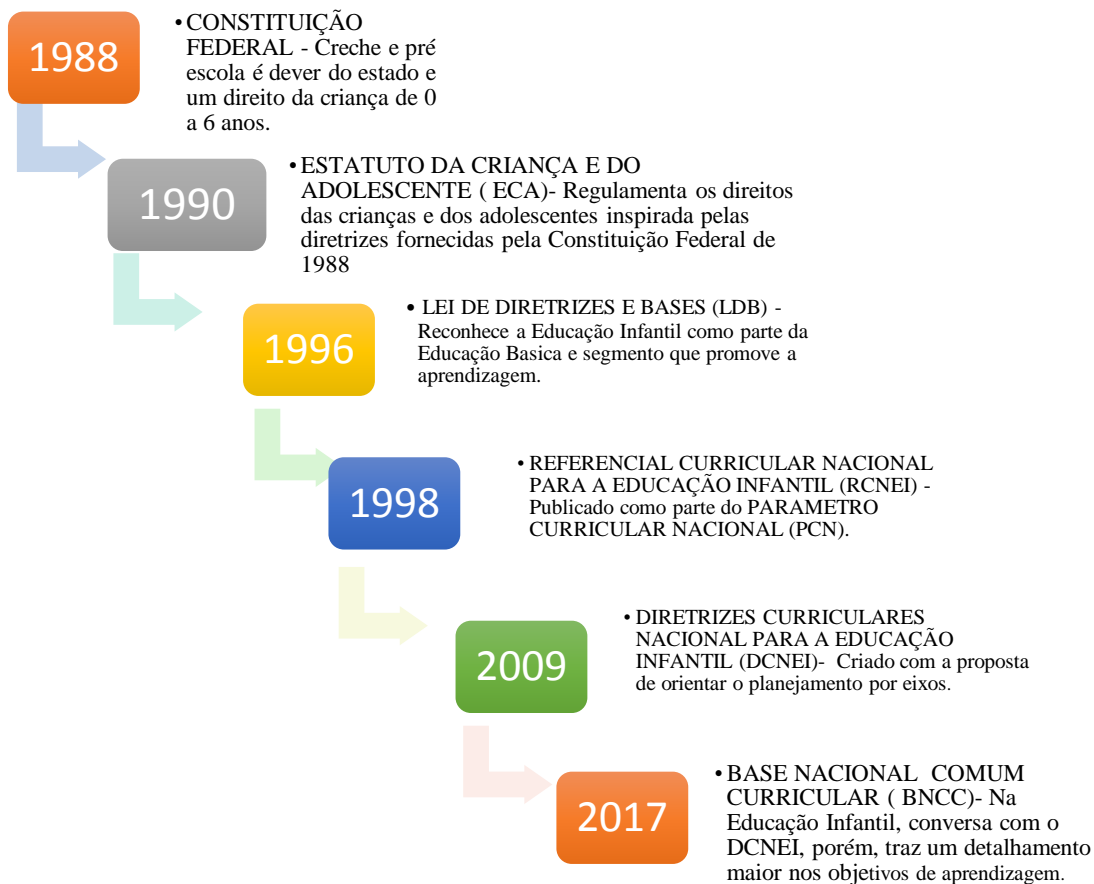
Cabe ao Governo Federal “estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum”. Direcionando a educação brasileira para ser uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática (BRASIL, 2017).

Durante a Conferência Nacional de Educação (CONAE), em 2010, foi citada a necessidade de criar a Base Nacional Comum Curricular, como parte de um plano nacional de Educação. Em 2014, no CONAE, foi feita uma nova reflexão acerca da BNCC. No ano de 2015, no Seminário Interinstitucional para a elaboração da BNCC, instituiu a comissão de especialista para a elaborar a Base. Tendo sua primeira versão lançada em 2015, a segunda e terceira em 2016 e em abril de 2017, o MEC, entregou a sua versão final (BRASIL, 2017).

Como primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil é um início fundamental do processo educacional. As creches e pré-escolas devem estar preparadas para acolher as crianças e inserir em suas propostas pedagógicas, tendo o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, consolidando e atuando de maneira complementar à educação familiar. As DCNEI definem a criança como “Sujeito histórico e de direito, que interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentido sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2009).

A seguir vejamos de forma mais sistemática uma linha do tempo dos documentos oficiais da Educação Infantil.

Figura 1: Linha do tempo da criação dos documentos oficiais norteadores da Educação Infantil



Fonte: Linha do tempo organizada pela autora, com base nos estudos do site da BNCC - <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

Como apresentado na figura 1, a BNCC torna-se um complemento do DCNEI, o mesmo, foi elaborado com respaldo nessas Diretrizes. A BNCC, destaca que o aluno deve desenvolver dez competências gerais, assim podendo assegurar resultados no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017).

Para a Educação Infantil, a proposta da Base é acolher situações e experiências do cotidiano da criança. Desta forma, a BNCC destacou alguns aspectos a serem executados ou desenvolvidos na Educação Infantil. Nela consta que a criança tem seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo eles: Brincar, conviver, expressar, conhecer-se, explorar e participar.

No brincar, é importante que a criança vivencie diversas possibilidades, de lugares, tempo, pessoas, culturas. Usando sempre sua criatividade e suas experiências, sensoriais, emocionais, corporais, cognitivas, relacionais e sociais. No conviver, a criança deve estar entre adultos e crianças, em grandes ou pequenos grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento sobre os outros e sobre si. Quanto ao direito expressar, é importante que a criança possa dialogar, ser um sujeito sensível perante suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, opiniões. Em relação ao direito de conhecer-se, a criança deve construir sua identidade social, pessoal e cultural. Construir uma imagem positiva de si e das pessoas a seu redor. Sobre o direito de explorar, a BNCC desta que deve explorar gestos, movimentos, sons, formas, ampliar seus saberes sobre outras culturas e diversas modalidades. E, por fim, o direito de participar sugere que a criança seja ativa nas atividades propostas pelo professor e pela escola, podendo decidir e se posicionar (BRASIL,2017).

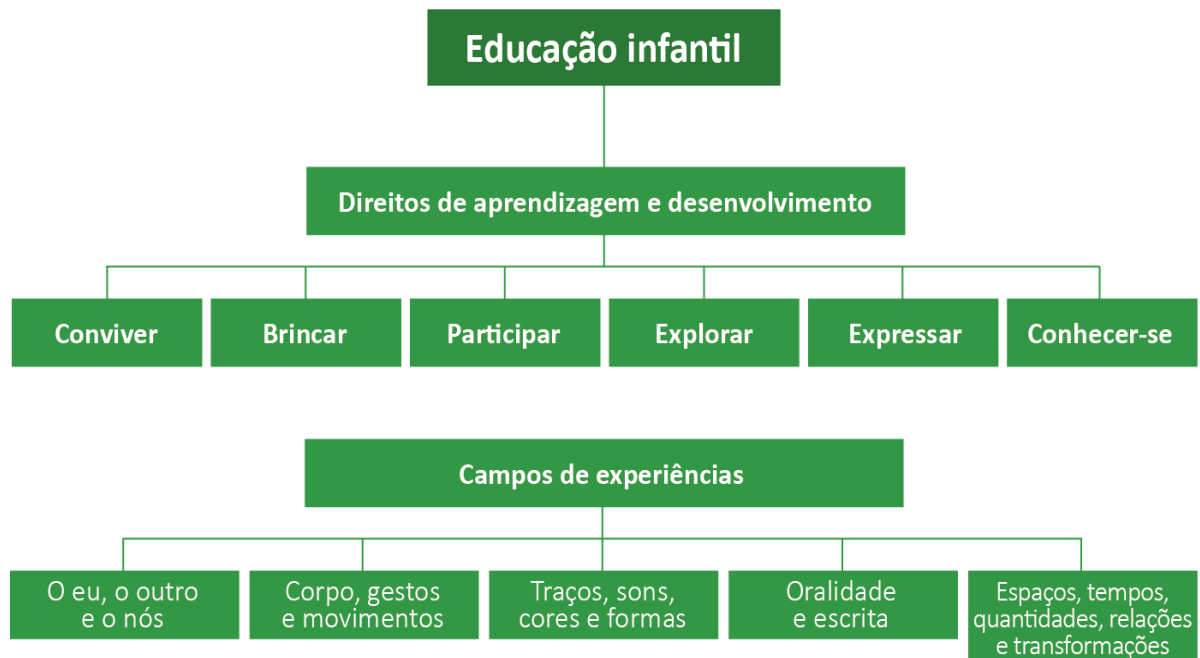
Os conteúdos iniciais das crianças pequenas apresentam uma profunda relação com a vida cotidiana. São inicialmente, os conteúdos dessa faixa etária: O alimentar-se, o lavar-se e o vestir-se, o descanso, o controle do corpo, o brincar, o jogar e o explorar a si mesmo e ao entorno, o separar-se e o reencontrar-se, o movimentar-se, o conviver com os demais e tantos outros conteúdos. Nessa perspectiva, as práticas sociais não são ações banais, pois são ações que envolve emoção, desejo, corpo, pensamentos e linguagens (BRASIL, 2009, p. 83).

A concepção de criança como ser que observa, levanta hipótese, questiona, faz julgamento, assimila valores, constrói conhecimento e que se apropria de conhecimento sistematizado por meio de ações e nas interações com o mundo social e físico, não pode

resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural e espontâneo. O acompanhamento da aprendizagem e desenvolvimento se dá através da observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo. Os direitos de aprendizagem devem ser contemplados nos Campos de Experiência. Cada campo possui um objetivo específico para que a aprendizagem e o desenvolvimento da criança se dê da melhor forma.

A BNCC estabelece cinco campos de experiências considerados fundamentais, sendo eles: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações. Esses campos enfatizam que a criança de 0 a 5 anos deva desenvolver valores, atitudes, habilidades, afeto e noções. Os Campos de Experiências vêm para auxiliar o professor o planejamento de sua prática intencional, enfatizando as necessidades e os interesses da criança. Assim, os professores podem promover aprendizagens significativas (BRASIL, 2017). Os direitos de aprendizagem e os campos de experiências da Educação Infantil na BNCC são apresentados na figura a seguir:

Figura 2: Educação Infantil na BNCC, direitos de aprendizagem e campos de experiências.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+BNCC>

Dentro desses Campos de Experiências, encontram-se os objetivos de aprendizagem. Esses objetivos estão divididos em três grupos, cada um com sua necessidade e especificidade. Essa divisão se dá por faixa etária, bebês (Zero a um ano e seis meses), crianças bem pequenas (Um ano e sete meses a três anos e onze meses) e crianças pequenas

(Quatro anos e cinco anos e onze meses). Dessa forma, esses objetivos vêm para garantir a aprendizagem respeitando seu ritmo, interesses e necessidades particulares dessas crianças.

A BNCC aponta aspectos da escola e dos alunos que sempre existiram, mas não eram explicitados nos currículos brasileiros, por exemplo, formar alunos que sejam assertivos, que se autoconheçam, que sejam responsáveis, que possam respeitar o outro e se sentir respeitado são competências tão importantes quanto o domínio lógico-matemático ou a leitura e a escrita.

Ao pensarmos no desenvolvimento afetivo da criança, logo pensamos em qualquer tipo de troca e manifestações afetivas sendo elas: Emoções, paixões e sentimentos. E essa troca é importante para a qualidade dos futuros envolvimento. A BNCC considera que as crianças têm direito a expressar seus sentimentos, tais como: o direito à alegria e à felicidade; expressar tristeza e frustração; bem-estar físico e psicológico; desenvolver sua autonomia; expressar sua vida cotidiana; enfrentar situações de conflito; expressar seus sentimentos através de 'brincadeiras lúdicas e dramatizações; expressar sua forma de carinho e compreensão, entre outros. Nesse sentido, o professor pode ser uma referência importante.

É por meio do olhar e das palavras do outro que a criança constrói sua identidade, autoestima e afetividade. Sendo assim, podemos considerar características desse dialogo afetivo entre adultos e crianças, sua forma de falar com ela (o tom de voz), o abaixar para se nivelar à altura da criança, o olhar nos olhos, e por expressões cheias de sentidos. Criando assim, uma reciprocidade, apreço, bem querer e respeito com a criança. A respeito podemos dizer que:

Às vezes, o adulto trabalha dentro de um grupo de crianças e às vezes ao redor delas, então ele exerce muitos papéis. O papel do adulto é, acima de tudo, escutar, observar e compreender a estratégia que as crianças usam em uma situação de aprendizagem. O professor tem, para nós, o papel de distribuidor de ocasiões; e é muito importante para nós que a criança sinta que ela não é um juiz, mas um recurso ao qual ela pode se dirigir quando precisar de um gesto, de uma palavra (EDWARDS; GADINI; FORMAN, 2016, p. 156).

Nesse caso, entendemos que quando uma criança não se sente segurança no local onde passa muito tempo de sua vida, fica muito mais difícil transmitir. Portanto, o papel da escola é o de acolher e de transmitir afeto para seus alunos. Assim, teremos uma criança sociável, que busca novos caminhos, disposta e pronta para conhecer o novo será formada. Sendo ela preparada para a vida, podendo sentir que o educador é um amigo que tem e espera respeito.

No século XXI, o fenômeno da globalização trouxe ao mundo ocidental o esfacelamento das identidades dos grupos sociais em detrimento de sua integração. A

formação do caráter torna-se apenas a reprodução de uma condição imposta sutilmente pelas tecnologias a serviço da (de) formação do caráter, se encarregando de manter a fragmentação, a cisão e a desconstrução dessas identidades. Nesses grupos sociais se inclui a infância como um grupo etário no qual a sociedade capitalista e globalizada impõe seus padrões.

Segundo Sarmiento (2001), os efeitos da globalização criam na sociedade globalizada uma norma universal para se pensar a infância e, portanto, a criança. A sociedade globalizada criou um mundo da infância! A criação de um mercado global com produtos (vestuário, programas televisivos, games, entre outros) direcionados especificamente às crianças, difunde “mitos infantis criados a partir das séries internacionais de televisão”. Esse processo origina o que o autor chama de “institucionalização dos quotidianos da criança ou a difusão mundial da escola de massas” SARMENTO (p. 15). Nessa concepção, as crianças são consideradas iguais, suas escolhas ou preferências, idiossincrasias, hábitos e costumes culturais são tidos como fora do padrão por serem diferentes. Desse pensamento, origina-se uma concepção abstrata de criança, pois se nega a materialidade de seus processos de vida e educação.

Contrariamente a esse posicionamento que torna a criança e a infância algo abstrato e universal, defendemos que a criança é um sujeito singular e as infâncias são múltiplas, a partir de seus contextos e situações concretas de vida. Nesse sentido, pensamos que a organização do espaço educativo da Educação Infantil deve congrega a vida cotidiana com os conhecimentos novos a serem internalizados pelas crianças no processo de humanização a que estão envolvidos. Concordamos com Sarmiento (2001; 2008), quando afirma que a escola, como lugar de direitos da criança é, acima de tudo, legitimada pelo fato de que, sendo as escolas construídas para as crianças, tanto no nível político, quanto organizacional e nos planos históricos das políticas educacionais, elas são também, no plano da ação concreta, construídas pelas crianças.

O lugar da criança é um lugar social, e ela tem um papel político a exercer na escola, na creche, na vida, um lugar que a legitime enquanto sujeito em construção. Seja ela de qualquer classe econômica, seus direitos devem estar assegurados. A escola da infância almejada para nossas crianças, não é uma escola que engessa, segrega, a divide em classes, impossibilita as diferentes linguagens de coexistência, não é uma escola que espera e provê um conhecimento restrito, pré-concebido, na qual a criança só venha para completar, mas sim uma escola aonde a criança venha para complementar.

### **3. AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Considerando a criança na sua condição concreta, decorrente da sua materialidade, e a infância como experiência repleta de caminhos para o aprimoramento da condição humana, por meio da justa relação entre o sujeito e os seus processos de vida e de educação, a afetividade presente no contexto da Educação Infantil é tema que merece destaque. O desenvolvimento e o processo de aprendizagem humana são processos sistêmicos, históricos e dialéticos, sempre em movimento, pois, as contradições vividas pela criança neste desenvolvimento impulsionam os saltos na formação de seu psiquismo e produzem o próprio desenvolvimento. Assim, a criança se desenvolve porque aprende (WALLON, 2008; SOUZA, 2007, VIGOTSKI, 1998).

Para Vigotski (1998), as transformações no mundo psíquico da criança ocorrem sempre numa relação de reciprocidade, o todo que compreende o psiquismo da criança se modifica num movimento dialético, e não de forma natural, espontânea ou dada pelos estímulos únicos do seu ambiente. A criança não só é transformada pelas relações com seu entorno, mas ao interagir com ele, também o transforma. Daí a importância da afetividade nesse contexto.

A concepção de criança neste enfoque se liga à prática pedagógica, em vista de que, nesta vertente, a aprendizagem é um processo essencial na apropriação das qualidades humanas, pois é a impulsionadora do desenvolvimento. Orientada pela concepção concreta de criança, a educação, como um processo intencional, pressupõe que a aprendizagem humana produz a criação de suas próprias representações acerca das novas informações que recebe. Esse processo de apropriação das qualidades humanas, mediado pelo educador, nesta perspectiva, é construído entre a criança e o meio histórico-cultural em que está inserida (SOUZA, 2007). O processo de aprendizagem é um fator propriamente humano, isso se dá através da relação que o homem estabelece com o outro, com a natureza, possibilitando assim o processo de humanização. É na apropriação de bens culturais ao longo da vida que o homem se transforma de ser biológico para ser sócio histórico.

Rego (1999) não ignora as definições biológicas da espécie humana; no entanto, atribui uma enorme importância à dimensão social, que fornece instrumentos e símbolos que medeiam a relação da pessoa com o mundo, e que acabam por fornecer também seus mecanismos psicológicos e formas de agir nesse mundo.

O aprendizado é considerado, assim, um aspecto necessário e fundamental no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Sendo assim, o que torna o homem humano não são apenas características herdadas biologicamente, mas sim, através da sua interação com o meio em que está inserido. Tentando conceituar a aprendizagem ela pode ser



definida como o processo de aquisição de informações, conhecimentos, habilidades, valores e atitudes possibilitados através do estudo, do ensino ou da experiência. Sendo assim, compreendemos a importância do fazer pedagógico no desenvolvimento do pensamento e da consciência humana. Desta forma, o trabalho educativo deve ser intencional e com finalidades almejando uma humanização.

[...] o objetivo da educação diz respeito de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2008, p. 13).

A aprendizagem, portanto, é um processo inacabado. Compreender e intervir de forma propositiva sobre diferentes ritmos de aprendizagem resulta, por parte do sujeito que aprende, na construção do conhecimento e no aprimoramento do desenvolvimento cognitivo.

Como temos destacado, o homem constitui-se enquanto tal a partir da relação que estabelece com o outro, enquanto ser social. A afetividade está presente desde os primeiros dias de vida. O recém-nascido cria uma relação afetiva com a mãe. Quando a criança nasce é importante ter um ambiente cheio de afeto e cuidados básicos. A criança deve se sentir acolhida, protegida, estar em um ambiente que lhe proporcione segurança. Na perspectiva de Almeida (2005, p. 45) “o meio é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo”. Ou seja, para Almeida, o meio interfere no desenvolvimento da criança. Pois, é através das relações afetivas que são geradas a aprendizagem.

Almeida (2005) aponta que, tal como Henri Wallon acredita, os aspectos intelectuais não podem ser separados do afetivo. Wallon (1975) defende uma evolução progressiva da afetividade que inicialmente é determinada pelo fator orgânico e com o passar do tempo é fortemente influenciada pela ação do meio social. Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio-cultural, pois se relacionam com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas

Podemos conceituar a afetividade, como o estímulo ou repulsa ao aprendizado ambos são afetados por elementos externos e internos. Sendo assim, tal condição humana é o que chamamos de afetividade. Desta forma, devemos entender que a afetividade não diz respeito apenas a carinho e respeito, Wallon (1975) destaca a afetividade como uma das etapas de formação, no qual, a criança tem a afetividade como o seu primeiro percurso de desenvolvimento. É por via da afetividade que a criança consegue aprender, até passar a ter

uma melhor maturidade. Para o autor, o nascimento da afetividade vem primeiro que inteligência humana, e deste modo, o fator intelectual não podia se separar da afetividade.

Segundo Wallon (1975), o desenvolvimento da afetividade passa por cinco estágios: o estágio impulso-emocional; estágio sensório-motor projetivo; o estágio do personalismo; o estágio categorial; e o estágio da adolescência. O Primeiro estágio, a criança está voltada na construção do eu, nessa fase, a preponderância afetiva é grande. No segundo estágio, caracteriza-se pela fase de exploração e investigação, na construção da realidade. O terceiro estágio, em que, a criança desenvolve a construção da sua personalidade. O quarto estágio, traz importantes avanços quanto ao intelecto. E por fim, o quinto estágio, esse estágio é caracterizado pelo o fim da tranquilidade afetiva devido as mudanças físicas.

Wallon (2008) destaca que a afetividade, e a cognição nascem por questões orgânicas do homem. E na sua interação com o meio, existe um sentido dialético e desenvolva a sua cognição. É no primeiro ano de vida que expressa a afetividade com maior intensidade. Porém, ela se prolonga para todas as fases e podem ser exteriorizadas de três formas: Emoção é a primeira expressão da afetividade e normalmente não é controlada pela razão; sentimento, essa expressão tem ligação com o cognitivo; e paixão, que é quando consegue ter autocontrole.

A emoção é a mais visível e pode ser manifestada de forma mais simples. Assim, ganhando destaque nas obras do autor, pois, para ele, é um instrumento de sobrevivência inerente ao homem, que é fundamentalmente social. É através dela que o educador pode visualizar se a criança está respondendo bem ou não a uma certa atividade (WALLON, 2008). Para Wallon (1975) a emoção é uma impressão corporal de um estado interno, que realiza a comunicação, o intercâmbio entre o indivíduo, e estimula as primeiras representações, figurações e que obtêm consistência nos movimentos.

O educador e teórico, ao estudar o desenvolvimento humano, não colocou a inteligência como o elemento mais importante desse processo. Ele considera a atuação compartilhada de três dimensões psíquicas: a motora, a afetiva e a cognitiva, defendendo que a evolução ocorre quando há uma integração entre o equipamento orgânico da pessoa e o meio em que ela vive, sendo assim, responsável por permitir e auxiliar o desenvolvimento das potencialidades próprias de cada um.

O que permite a inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidentemente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo

são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social (WALLON, 2008, p. 117).

Uma vez que, desde pequena, a criança depende do meio para sobreviver, como também desenvolver o seu aspecto afetivo, sócio e intelectual, a teoria da afetividade de Wallon (2008) veio questionar o ensino tradicional com seu autoritarismo e falta de criatividade, exigindo um aluno passivo, e sem levar em conta o caráter afetivo, social e político da educação.

A escola, como um fato social, deve levar em consideração a realidade concreta na qual esse sujeito vive e atua. Partindo deste pensamento, a escola tornou-se um grande provedor dos meios necessário para realização dessas ações. Tornando, então, o professor o mediador desse desenvolvimento. Neste contexto, Almeida (1999) afirma que a escola desempenha um papel importante quanto ao desenvolvimento da criança, pois, permite a interação com outras crianças e com adultos.

A Educação está em constante mudança e evolução, porém, o processo por mais que seja lento, ainda é árduo para os profissionais se adaptarem. A falta de capacitação torna seu papel cada vez mais complexo e assim deixando a desejar quanto à aprendizagem e ao desenvolvimento humano integral. É importante que o profissional esteja apto para realizar o seu papel em sua totalidade.

Para Wallon (2008), os princípios reguladores da aprendizagem são os mesmos para adultos e crianças, desta forma, o professor também é afetado pelo meio, pelas interações (Emoção, paixão e sentimento), a diferença é que o adulto reage de forma mais controlada. Entendemos assim que, onde há uma dificuldade de aprendizagem, há de se constituir, também, uma dificuldade no ensino. “Quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor” (MAHONEY & ALMEIDA, 2004, p. 26).

Entendemos que, inicialmente é no aconchego da família, na proteção dos pais e no convívio com os mais próximos, rodeado de vários sentimentos e emoções que a criança se sente segura. O ambiente escolar, dessa forma, é um espaço onde a criança deve se sentir do mesmo jeito que se sente em sua casa, para assim, ter o prazer de estar ali e de querer voltar todos os dias.

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las [...]. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitador do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis (ALMEIDA, 1999, p.103).

Entende-se assim que, a afetividade entre professor e aluno, tem relevância para o processo de aprendizagem. O professor como ser mediador, mesmo dentro do espaço delimitado da sala de aula pode promover práticas para desenvolver valores para as crianças. Sempre buscando incentivá-las, deixá-las confortáveis, seguras e se sentindo amadas. Portanto, a instituição escolar, bem como na sala de aula, que se deve desenvolver valores educacionais e sociais.

Na escola, as crianças bem-amadas geralmente são participantes, interessadas, procuram compreender o que está acontecendo, são entusiasmadas com as atividades que acham interessantes e úteis. Em termos de convivência social, geralmente são respeitadoras dos outros, mas têm seus pontos de vista, que defendem e procura difundir-lo (PILETTE, 2004, p. 279).

De acordo com Galvão (2008) Wallon defendia uma educação integral, ou seja, uma educação que possibilita a formação do caráter e a orientação profissional, que também é responsabilidade da escola. Ele dizia, que para uma prática educativa eficaz, era necessário o conhecimento anterior da criança. O meio é o campo onde a criança aplica as condutas de que dispõe, ao mesmo tempo, é dele que retira os recursos para sua ação. Dessa forma, o professor não deve ser o dono da razão e nem do saber por completo. É na interação com o aluno, no seu bom relacionamento, que pode mediar de forma particular para uma melhor aprendizagem e resultados. Sendo assim, entendemos que a escola e o professor são agentes fundamentais para a evolução da aprendizagem das crianças.

Vale salientar que, o professor deve ter a sensibilidade e levar em consideração a particularidade de cada criança. É nesse contexto, que a BNCC deve ser inserida. Para melhor nortear o professor na sua prática pedagógica, afim de, intensificar a aprendizagem e obter bons resultados.

Segundo as autoras, Mello e Alcântara (2013) afirmaram que, a afetividade é um fator essencial e fundamental para a vida e que representa um dos aspectos mais relevantes para a

formação do ser saudável. Tornando pessoas capazes de tomar decisões mais sábias e inteligente. As autoras acreditam que, aspectos afetivos e cognitivos formam um par inseparável.

Na vida escolar, principalmente na Educação Infantil, as crianças precisam vivenciar momentos que potencialmente gerar desenvolvimento e aprendizagem, vão ter implicações afetivamente marcantes em seu desempenho pedagógico. Tornando dessa forma, as instituições escolares, em específico, as de Educação Infantil, um lugar de investigação, onde cabe ao professor rever sua própria prática pedagógica. Mello e Alcântara (2013) sugerem que, essas práticas devem ser, realizadas em um espaço dinâmico e vivo, no qual as crianças alcancem o desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades corporais, cognitivas, afetivas, emocionais, éticas, de relação interpessoal e inserção social.

Reforçando a ideia mencionada acima, Cardoso (2015) conclui que, a afetividade na Educação Infantil só terá benefício. Levando em consideração que o professor deve tentar inserir ao máximo a afetividade nas suas práticas pedagógicas. Carvalho (2014) por sua vez, salientou que, se faz presente a afetividade na relação professor-aluno e o quão importante é esse aspecto para o desenvolvimento das crianças de forma integral. Dessa forma, a afetividade não se faz necessária e importante somente na teoria, mas principalmente nas práticas pedagógicas cotidianas da educação infantil.

Colli (2018) destacou em seu artigo, que o professor que alia bons métodos de trabalho, com carinho e a diálogo, pode incentivar e modificar a concepção filosófica da educação, participando ativamente na construção de uma sociedade e trazendo esperança para gerações futuras. Por isso, é fundamental que o professor esteja ciente de sua responsabilidade. Tomando decisões de acordo com os valores morais e as relações sociais de sua prática, considerando ainda, as condições de vida familiar e social de seus alunos.

Entendemos então que, o professor tem um papel altamente relevante. A relação de afetividade entre professor e criança, pode influenciar no processo de aprendizagem. Desta forma, o professor que tem como princípio básico, a afetividade em sua relação (uma relação quase parental), conseqüentemente, tem a contribuição para um aprendizado de qualidade, pautada em respeito, autonomia, compreensão e carinho.

#### **4. PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa está apoiada no paradigma quantitativo-qualitativo. O Estudo de Caso teve como objetivo discutir a importância da afetividade no processo de desenvolvimento e

aprendizagem, dentro do ambiente da educação infantil. Buscando também compreender a relação de afetividade entre professor e criança, investigando a concepção de afetividade para as professoras e de que forma a afetividade é inserida em suas práticas pedagógicas, afim de uma melhor aprendizagem.

A realização de um estudo de caso não é uma tarefa fácil, exige tempo e dedicação do pesquisador e, frequentemente, “os trabalhos são sujeitos a críticas em função de limitações metodológicas na escolha do (s) caso (s), análise dos dados e geração de conclusões suportadas pelas evidências” (MIGUEL, 2007, p. 217).

Para a realização deste estudo de caso, foi utilizado, o questionário como instrumento de coleta de dados. O questionário foi direcionado a dez professoras de turmas do Maternal I e Maternal II de uma Creche Municipal na cidade de Queimadas- PB.

Inicialmente, foi elaborado um questionário junto com um formulário simples para traçar o perfil do professor. A escolha da Creche, bem como das professoras a serem entrevistadas, foi por conveniência da pesquisadora e disponibilidades das mesmas. Todas aceitaram responder cordialmente ao questionário. No formulário simples de perfil do professor, constavam as seguintes perguntas: Idade, escolaridade, formação, tempo de profissão e com qual turma trabalha.

A coleta de dados foi realizada diretamente juntos com as professoras, em dois turnos (Manhã e tarde). Obedecendo todos os procedimentos legais, tais como, autorização dos responsáveis pela instituição e o termo de livre consentimento pelos pesquisados. No questionário, foram analisadas quatro perguntas acerca do tema em estudo. As respostas desse questionário foram analisadas e categorizadas, conforme veremos em análise de dado.

A amostra foi composta por dez profissionais, todas do sexo feminino. Com idade média entre 21 a 58 anos. Todas com formação em Pedagogia. Sendo, uma graduanda (em conclusão), seis com curso superior completo, duas com pós-graduação e uma com mestrado. Em relação a experiência, a maioria trabalha a mais de 10 anos. Sendo, apenas uma com um ano nesta profissão, uma com 4 anos, três com nove anos, uma com onze, duas com treze, uma com quinze, uma com vinte, uma com vinte e três, uma com vinte e nove anos exercendo essa profissão. Das profissionais entrevistadas, quatro estão trabalhando com turma do maternal I e seis estão trabalhando com turma do maternal II. Quanto a carga horaria, todas trabalham vinte e cinco horas semanais, sendo vinte em sala de aula e cinco de departamento (Para planejamento de aulas).

## **5. ANÁLISE E DISCUSÃO DOS RESULTADOS**

A constituição da vida afetiva social é mediada pelas representações construídas no contexto cultural ao qual pertencemos. Desta forma, é imprescindível que a educação promova a aprendizagem dos aspectos afetivos e também dos aspectos cognitivos como um meio de potencializar o desenvolvimento holístico do ser humano. A afetividade está diretamente ligada às emoções, por isso pode determinar a maneira como as pessoas veem as situações e como se manifestam a seu respeito. Desde a infância, a autoestima é alicerçada pela afetividade, pois uma criança que recebe afeto se desenvolve com muito mais segurança e determinação.

Cada vez mais se torna evidente a necessidade de se contemplar uma formação afetiva, pautada nos princípios de solidariedade, respeito, amor, carinho, amizade, tolerância, espírito de grupo e confiança, como forma de potencializar a formação do sujeito. Considerando a importância das emoções, é essencial fortalecer a afetividade na relação entre professor e aluno para que esse vínculo possa estimular a melhora da autoestima. Se tiverem um laço de amizade, ambos se sentirão mais seguros e a convivência em sala de aula será muito mais agradável. Além disso, o aprendizado passa então a ganhar espaço para acontecer naturalmente.

Para nosso estudo, buscou-se inicialmente conhecer das professoras quais as três primeiras palavras que elas pensam ao ouvir o termo **AFETIVIDADE**. Em respostas, obtivemos as palavras listada abaixo:

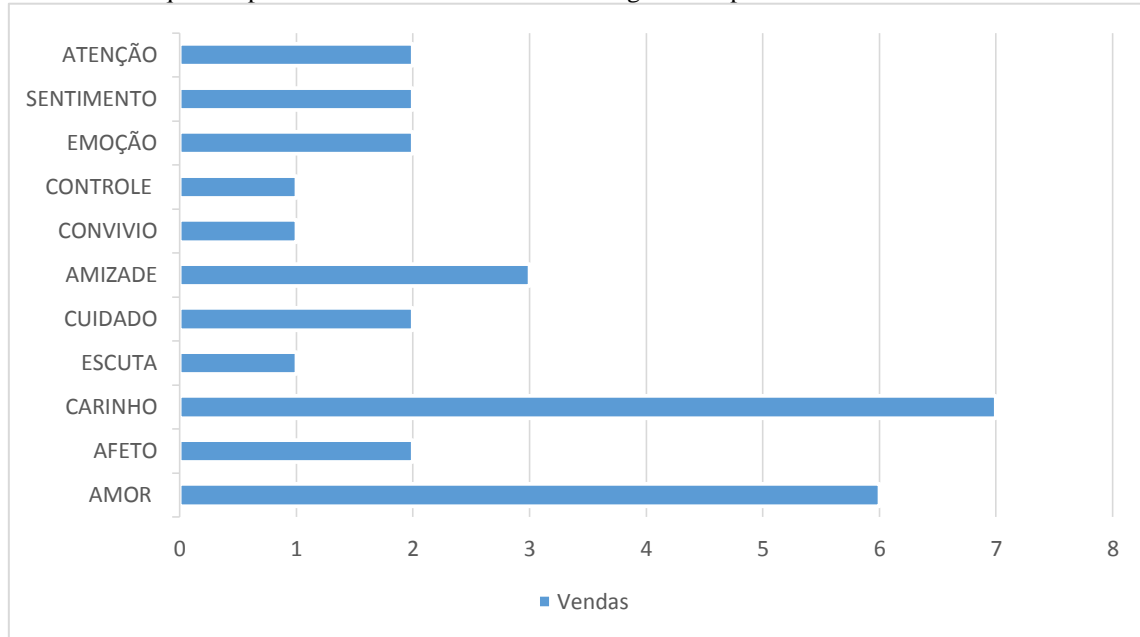
Quadro 1: Lista de palavras

|          |         |            |          |
|----------|---------|------------|----------|
| AMOR     | AFETO   | RESPEITO   | CARINHO  |
| ESCUTA   | CUIDADO | AMIZADE    | CONTROLE |
| CONVIVIO | EMOÇÃO  | SENTIMENTO | ATENÇÃO  |

Fonte: Organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Após a análise das dozes palavras citadas pelos sujeitos, estas foram organizadas conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 1: Frequentes palavras associadas à afetividade segundo as professoras da creche.



Fonte: Gráfico organizado feito pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Ao analisar as respostas das professoras, organizados no gráfico acima, podemos observar que elas relacionam a AFETIVIDADE a laços afetivos e emoções. Sendo o amor e carinho os mais citados, o carinho aparece em 70% das respostas e o amor em 60%. Segundo a teoria Walloniana, a afetividade é um conceito amplo, integra relações afetivas como a emoção (20%), a paixão e o sentimento (20%). A afetividade insere várias manifestações - das basicamente orgânicas (primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta, como a fome ou à saciedade) às manifestações relacionadas ao social (sentimento, paixão, emoção, humor, etc.). Sendo assim, entendemos que, a afetividade pode ser todo o domínio das emoções, os sentimentos das emoções e a capacidade de entrar em contato com as sensações.

A afetividade pode ser concebida através da vivencia, não se restringindo apenas ao contato físico, mas sim, com a relação que estabelece entre as partes envolvidas. Deste modo, afetam consequentemente, o processo de aprendizagem. É válido salientar que, o lado afetivo de um indivíduo não se resume apenas à suas emoções.

Se a criança não possui felicidade em casa, a escola é o melhor ambiente para mostrar-lhe. O docente precisa mostra-la o quanto é importante o afeto. Pode-se perceber essa dificuldade de transmissão de afetividade vivenciando o contexto, que na maioria das instituições escolares não sucede, porque o educando é visto como mero objeto de aprendizagem, ou seja, preconiza-se um ambiente onde o conteúdo é posto (SOUSA; RAMOS; SOUSA, 2018, p.10).



Em seguida, uma segunda questão norteadora deste estudo, foi compreender que atitudes os professores da educação infantil, consideram que evidenciam a afetividade existente na relação professor- criança dentro da sala de aula.

Quadro 2: Lista de palavras associadas à afetividade na relação professor-aluno

|                              |                        |                          |                                |                       |                              |
|------------------------------|------------------------|--------------------------|--------------------------------|-----------------------|------------------------------|
| Dedicação                    | Amor                   | Motivação                | Carinho                        | Bom relacionamento    | Amor e carinho com os outros |
| Respeitar o tempo de cada um | Procurar escutar       | O cuidado com a criança  | Obediência e respeito          | Controle da emoções   | Convívio social              |
| Utilizar técnicas            | Criar vínculos afetivo | Momento de cunho amoroso | Momentos lúdicos               | Acalento do professor | Abaixar-se para falar        |
| O fazer compartilhado        | Entender a criança     | O abraço entre ambos     | Respeito                       | Diálogo               | Ter relação de amizade       |
|                              |                        | Aulas prazerosas         | Olhar atento para cada criança |                       |                              |

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Após analisar as trinta palavras, estas foram distribuídas em duas categorias. Conforme a tabela abaixo.

Quadro 3: Categorização das palavras

| CATEGORIA                      | PALAVRAS   |
|--------------------------------|--|
| <b>DESENVOLVIMENTO AFETIVO</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Carinho</li> <li>• Amor</li> <li>• Criar vínculos afetivos</li> <li>• O cuidado com a criança</li> <li>• O abraço entre ambos</li> <li>• Controle das emoções</li> <li>• Ter relações de amizade</li> <li>• Momentos de cunho amoroso</li> <li>• Acalento do professor</li> <li>• Abaixar- se para falar</li> <li>• Bom relacionamento</li> </ul> |

|   |  |
|---|--|
| <p><b>DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM</b></p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivação</li> <li>• Dedicção</li> <li>• Respeitar o tempo de cada um</li> <li>• Procurar escutar</li> <li>• Obediência e respeito</li> <li>• Convívio social</li> <li>• Utilizar técnica</li> <li>• Momentos lúdicos</li> <li>• O fazer compartilhado</li> <li>• Dialogo</li> <li>• Entender a criança</li> <li>• Aulas prazerosas</li> <li>• Olha atento para cada criança</li> </ul> |
|---|--|

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Podemos perceber no quadro acima, que as professoras buscam trazer a afetividade para sua prática. A categorização tem dois princípios: o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento da aprendizagem. No entanto, ambas estão sempre interligadas. Considerando a importância das emoções (Desenvolvimento afetivo), é essencial fortalecer a relação de afetividade entre professor e aluno. Assim, esse vínculo pode estimular a autoestima da criança. Mantendo um laço de afetividade, ambos se sentiram seguros e assim podem ter um bom relacionamento, o que pode contribuir de forma natural para uma boa aprendizagem.

Deve-se entender que a afetividade entre educador e educando necessita estar volvida ao processo de ensino, pois a afinidade materna ou paterna carece de ser deixada para os pais. Ainda que tenha a indigência de trabalhar particularmente com um determinado educando. Essa influência mútua precisa estar volvida para a atividade de todos estes em volta dos objetivos e do conteúdo (SOUSA; RAMOS; SOUSA, 2018, p.11).

A transmissão de conhecimento se dá através da interação social, assim, é nas relações ali estabelecidas entre professor-criança, que pode haver contribuição no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Nessa relação, professor e criança, transformações acontecem paralelamente ao desenvolvimento intelectual. Uma relação afetuosa influencia decisivamente a maneira como essa criança se mostra para o mundo.

Sendo o docente um mediador da aprendizagem, deve buscar mecanismos que ajude seu aluno a se desenvolver, além de dar suporte para que o mesmo supere suas expectativas de aprendizagem. A afetividade é algo que deve ser visto pelo professor

como meio que pode ajudar o mesmo a adquirir proximidade com seus alunos, ajudando na aceitação dos conteúdos a serem estudados pelos alunos (NASCIMENTO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017, p.5).

A criança é um ser social, se constituindo nas interações provocada pela cultura que vive. Sendo assim, o processo de aprendizagem é constituído no próprio processo de humanização. No entanto, a educação organizada pelas políticas públicas pode trazer diferentes resultados nesse processo. Dependendo da intencionalidade educativa, a forma como essa prática está organizada revela o modo de como vê a criança.

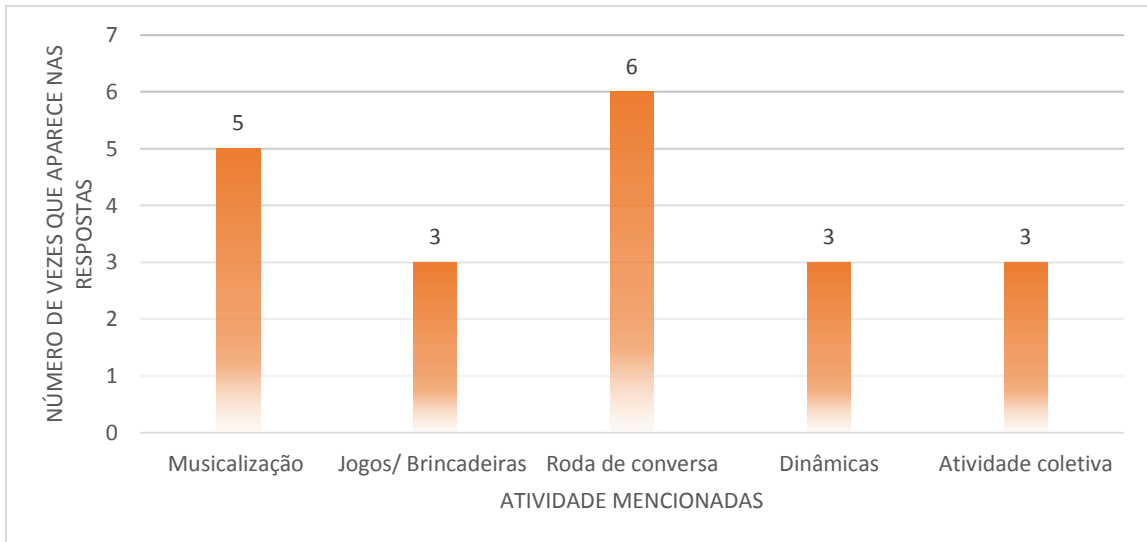
Na interação de cunho intencionalidade educativa, essas promovem projetos educativos que atendem a necessidade específica de cada criança para a sua formação humana, complexa e completa. O professor, envolvido numa proposta junto com as crianças, encontra-se interagindo em um mesmo objetivo, deste modo, o professor deve saber escutar a necessidade apresentada pela criança tornando-a parte do projeto.

O professor deve levar em consideração que a infância deve ter um olhar mais atento, observador de como a criança se comporta, como ela interage. Esse olhar, permite que o professor compreenda diversas formas de interagir, saber seus gostos, costumes e singularidades. Educar o olhar perante essas situações significa estar aberto para compreender melhor a individualidade e coletividade, atribuindo sentido aquilo que as crianças realizam no seu fazer e pensar.

O professor como mediador, preparado e disposto a organizar espaços ricos e diversificados, cheios de recursos pedagógicos enriquecedores e motivadores, materiais diversos, cria, o seu contato com a organização do conhecimento social e também a organização do processo psíquico necessárias à sua formação (SOUZA, 2007).

Uma terceira questão para esse estudo, foi solicitar aos professores que citassem atividades principais, cujo objetivo é desenvolver a afetividade da criança. Para esta pergunta os professores citaram duas atividades principais. As respostas estão relacionadas no gráfico que segue.

Gráfico 2: Frequência das principais atividades desenvolvidas pelo professor da Educação Infantil.



Fonte: Gráfico organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Podemos observar que nesta questão, as professoras citaram cinco atividades principais: 1) musicalização, 2) jogo/ brincadeira (Lúdicas), 3) roda de conversa, 4) dinâmicas, 5) atividades coletivas.

Entendemos que, na Educação Infantil, as crianças precisam de estímulos para que possam se socializar de forma adequada. O professor por sua vez, ao promover atividades com mais interações sociais contribui com o processo de aprendizagem. O professor, nesse contexto, pode e deve ter uma postura de facilitador, estimulando o processo de aprendizagem. É importante estimular a curiosidade e o interesse do aluno, a partir das suas emoções e promover um sujeito autônomo.

Toda forma lúdica bem aplicada contribui na vida social tanto da criança como do adulto, enriquece seu cognitivo e desenvolve uma forma de aproveitar bem toda energia corporal, desenvolvendo também a socialização entre os demais. A criança não se habitua em salas enfileiradas, por isso a sabedoria e criatividade do professor em incentivar a criança para o lúdico, desenvolvendo sua inteligência e estimulando a assimilação do conhecimento com criatividade. Através da aplicação de jogos, o aluno aprende com prazer o que realmente é interessante, dessa forma temos um resultado satisfatório com essa prática educativa (BORGES; BARROS; GONÇALVES, 2012, p. 414).

Neste sentido, faz-se necessário que o professor faça um bom planejamento, fazendo boas escolhas de atividades, pois, atividades bem escolhidas e adequadamente desenvolvidas, sem dúvida, aumentam as chances de aprendizado com sucesso.

Por fim, para alcançar o objetivo geral do presente estudo, buscou-se conhecer qual a importância que os professores atribuem à afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem. As principais respostas indicaram que:

Quadro 4: Atribuições que as professoras associaram à afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem

|  |
|--|
| <p>Professora 1.<br/> <i>“A afetividade tem o poder de deixar a autoestima das crianças bem, isso ajuda na aprendizagem, a criança sente-se segura e confiante no professor. ”</i></p>   |
| <p>Professora 2.<br/> <i>“Criar laços de amizade e respeito entre os colegas. ”</i></p>  |
| <p>Professora 3.<br/> <i>“ É de fundamental importância nessa fase, principalmente porque está presente em todas as áreas da vida, e influencia profundamente no crescimento cognitivo. ”</i></p>  |
| <p>Professora 4.<br/> <i>“ Ela contribui no desenvolvimento do bem-estar da criança, assim, contribui também na criação de um melhor clima de compreensão. ”</i></p>   |
| <p>Professora 5.<br/> <i>“A afetividade irá ajudar a controlar as emoções, levando para a vida. ”</i></p>  |
| <p>Professora 6.<br/> <i>“Muito importante, pois quando o aluno se sente valorizado à aprendizagem flui melhor”</i></p>  |
| <p>Professora 7.<br/> <i>“Influência de forma prazerosa no desenvolvimento e na construção do ser. “</i></p>   |
| <p>Professora 8.<br/> <i>“A afetividade possui grande importância no processo de aprendizagem, pois quando o aluno gosta do professor eles aprendem mais, e com isso a aprendizagem é muito satisfatória. ”</i></p>                      |
| <p>Professora 9.<br/> <i>“É de grande importância a afetividade no processo de ensino- aprendizagem, pois a aprendizagem acontece de forma prazerosa, pois onde tem afeto tem amor, e onde tem amor, tem resultados positivos. ”</i></p> |
| <p>Professora 10.<br/> <i>“Com a afetividade entre professor e a criança ela se torna mais segura e com isso tem o respeito e obediência. ”</i></p>  |

Fonte: Quadro organizado pela autora, com base nas respostas obtidas nos questionários

Como podemos observar, 70% das professoras relacionam a afetividade a resultados positivos no desenvolvimento e na aprendizagem. A criança que sente segura, confiante e tem sua autoestima elevada, passa a ter resultados positivos na sua aprendizagem. O medo, a desconfiança, atrapalha no relacionamento interpessoal, assim dificultando o aprender. Para que ocorra de forma satisfatória o processo de ensino-aprendizagem, deve haver uma troca mútua de respeito e afeto entre o professor e aluno; o trabalho deve ser estimulável e prazeroso para que os alunos queiram sempre voltar à escola, e que a mesma seja considerada um lugar de prazer ao adquirir conhecimento.

Os fenômenos afetivos estão intimamente ligados com a qualidade das interações entre sujeitos e suas vivências, o que confere aos objetos culturais um sentido afetivo. Desta forma as conquistas do campo afetivo são utilizadas no campo cognitivo e o contrário também ocorre como em um entrelaçamento entre os dois. As conquistas intelectuais são incorporadas a afetividade, dando-lhe um caráter eminentemente cognitivo. Quando são interligadas, afetividade e inteligência levam a criança a um nível de evolução muito elevado.

Afetividade possui grande importância no processo ensino aprendizagem, é com um bom relacionamento entre professor e aluno é que acontece uma aprendizagem satisfatória. O professor não deve esquecer que o seu papel como educador não é apenas de planejar, ensinar e avaliar, mas formar educando, como cidadãos conscientes e inseri-los na sociedade. O aluno necessita ser amado e respeitado no contexto escolar. A função da escola não se limita apenas em transmitir conhecimentos, mas também na formação de pessoas conscientes e equilibradas emocionalmente (FRAGA, 2011, p,1).

Podemos constatar, assim, que a interpretação da criança ao comportamento do professor é de natureza afetiva e tal relação influencia na aprendizagem, na relação do aluno com o objeto do conhecimento. As relações afetivas implicam na interação entre pessoas, assim como na relação desenvolvimento e aprendizagem ficando impossível separar as origens afetivas mesmo nos momentos de transmissão e produção de conhecimento. As outras professoras destacaram o laço afetivo que eles desenvolvem, o desenvolvimento do bem-estar e controle de emoções. Conforme vimos ao longo do texto, estas também são consideradas pertinentes para o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Superando o conceito de que a criança é um ser incapaz, dando-lhe voz e vez, esperamos que tal caminho seja capaz de contagiar professores levando a ouvi-las e entendê-las, tocá-las com cuidado intencional educativo, percebe-las e reconhecer seu valor como sujeito histórico. Reconhecemos que não é uma tarefa fácil numa sociedade desigual, no entanto, este trabalho leva a uma melhor compreensão da criança no processo de aprender, pois se torna uma porta para aprender e se desenvolver através da mediação educativa.

Assim, permitindo-lhes a apropriação dos códigos sociais, dos símbolos, da linguagem e do pensamento abstrato e crítico, dentre outras qualidades humanas. Portanto, cabe ao professor, propiciar à criança situações em que elas criem, experimentem, elaborem hipóteses e desenvolvam suas capacidades. Para isso, ele deve reconhecer a diversidade cultural e étnica, de hábitos, crenças, valores, costumes que a nossa criança vive (SOUZA, 2007).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os laços afetivos são muito importantes para a construção de novas ideias. O indivíduo como ser social que é, necessita da interação para aprender, necessita da troca, do dar e do receber, e isso acontece desde o início da vida, com a família, depois na escola e levando assim para o resto da vida social.

Na Educação Infantil, as crianças enfrentam dificuldades, é um novo mundo para elas, ao deixar o espaço familiar para adentrar no espaço escolar. Por isso, a afetividade serve como aparato para professor melhor interagir com o seu aluno, ajudando-o superar obstáculos.

Desta forma consideramos educadores todos os agentes envolvidos no processo de ensino–aprendizagem no qual a criança é personagem principal, e que envolve amplamente a cognição e a afetividade, com participação ativa dos pais, responsáveis ou outros que participem da vivência infantil. Assegurar que todos estejam inteirados das ações praticadas é garantir condições de melhor desenvolvimento para o educando.

Podemos afirmar, baseado em nossas pesquisas, que a escola precisa proporcionar o desenvolvimento integral da criança considerando a afetividade na aprendizagem. E que é de grande importância uma formação afetiva para os profissionais que atuam no campo da educação.

Entendemos, então, que é preciso que tenhamos em sala de aula professores apaixonados pelo que fazem, que não meçam esforço para ser bons educadores, e que estejam dispostos a fazer a diferença, uma vez que o professor é uma ferramenta essencial de mediação para alcançar bons resultados. Utilizando o afeto no ato de ensinar, o professor transforma a escola num lugar acolhedor, que incentiva o aluno a se dedicar e buscar melhoras e avanços significativos a cada dia que passa. Sendo assim, a instituição escolar um lugar em que se desenvolvem e alimentam os valores educacionais e sociais, de tal modo em que a criança possa se sentir querida.

Os professores precisam entender que todos os dias vários olhinhos à procura de um fio de esperança, buscando em neles o aprendizado, e às vezes acabam deixando de fazer simples gestos que poderiam ser de grande valia para quem tem tão pouco em termos afetivos. Ser promotor de afetividade é incentivar, apoiar, aconselhar. Pequenas atitudes podem fazer a diferença para aquela criança que chega à escola totalmente desmotivada e desanimada, sem vontade de se abrir para novas oportunidades de aprendizado.

A afetividade na Educação infantil, é como uma fonte de energia. Assim, entendemos que contribui para o desenvolver da criança como ser. Podemos então dizer que a afetividade

coopera com o sucesso nas ações do desenvolvimento e aprendizagem. Em que eles estão sempre interligados, paralelos e são influenciados pela socialização na escola, família e sociedade.

Para potencializar o desenvolvimento, cotidianamente, faz-se necessário problematizar situações nas quais a criança seja capaz de buscar soluções por si. Isso implica criar, manter e fomentar a comunicação para que os pequenos possam progredir em suas descobertas, a ponto de se aproximar da atividade de forma afetiva e aprender com ela o conhecimento. A conceituação das aulas e dos cuidados com as crianças pequenas, bem como suas diferentes formas de realização, tem nos direcionado, nos últimos anos, a uma busca para a sua transformação. Tal fato inspira investigar e buscar estudos teóricos que instiguem nossa reflexão a esse respeito. Deseja-se saber sobre as experiências, metodologias e estratégia desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem que se relacionam diretamente com a afetividade.

Essa nova visão sobre a concepção da criança, o qual supera os antigos pensamentos da Psicologia e da Educação como base para compreender o psiquismo infantil, propondo uma concepção histórico-cultural. O campo que investiga e promove políticas adequadas para as crianças no Brasil ainda é muito recente, estamos aprendendo como fazer isso.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. **Base nacional comum curricular**. 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 25 abr. 2019
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm) >. Acesso em: 16 maio. 2019.
- BRASIL. LEI No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. D.O. U. Brasília,1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 25 abr. 2019
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2019
- CARDOSO, Michelle. **Importância da afetividade na educação infantil**. 2015. Trabalho de conclusão de curso. Paraíba. Disponível em:<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10463/1/PDF%20-%20Michelle%20Gertrudes%20Cardoso.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2019.
- COLLI, Isa. **A importância da afetividade na educação infantil**. 2019. Artigo. Bruxelas-Bélgica. 2019. Disponível em: < <http://isacolli.com/importancia-da-afetividade-na-educacao-infantil/>>. Acesso em: 21 mai. 2019.
- COSTA, Cinthia. **A afetividade na educação infantil**. 2014. Trabalho de conclusão de curso. Brasília. Disponível em: < [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9048/1/2014\\_CinthiaCarvalhoCosta.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9048/1/2014_CinthiaCarvalhoCosta.pdf)>. Acesso em: 21 mai. 2019.

DIDONET, Vital. **Creche: a que veio, para onde vai.** In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo.** Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, 2001.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G.. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação.** ed. 2. Porto Alegre: Penso. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/me4686.pdf>>. Acesso em: 19 abri. 2019.

FRAGA, Ana. **A importância da Afetividade no processo ensino aprendizagem:** webartigos, 2011. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-afetividade-no-processo-ensino-aprendizagem/63528>>. Acesso em: 14 jun. 2019

KRAMER, S. **Infância: fios e desafios da pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1992

KRUEGER, M.F. **a relevância da afetividade na educação infantil.** Associação Educacional Leonardo da Vinci – ASSEVI. Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia. 2002. pg. 1-10.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da Afetividade na Educação infantil.** Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação e Associação Educacional Leonardo da Vinci, 2002. XX p. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/4369149-A-relevancia-da-afetividade-na-educacao-infantil.html> >. Acesso em: 21 mar. 2019.

KUHLMANN JR. M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediações,2001.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. **A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem.** In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon.** São Paulo: Loyola, 2004.

MARQUES, Fernanda Martins; SPERB, Tania Mara. **A escola de educação infantil na perspectiva das crianças.** Psicol Reflexo. Crit. Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 414-421, 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722013000200022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000200022&lng=en&nrm=iso) Acesso em 14 de jun. 2019.

MELLO , Tágides; RUBIO, Juliana. **A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil.** Artigo publicado na Revista Eletrônica Saberes da Educação- Vol. 4. nº 1. 2013. Disponível em: < <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

MENDONÇA, Maria Alice; TAVARES, Helenice Mari. **A afetividade: o fio condutor na educação infantil**. Uberlândia: Faculdade Católica de Uberlândia, 2008. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/1136919-A-afetividade-o-fio-condutor-na-educacao-infantil-1.html>>. Acesso em: 21 Mai. 2019.

MIGUEL, P. A. C. **estudo de caso na administração: estruturação e recomendações para sua condução**. Produção, v. 17, n. 1, p.216-229, jan./abr. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132007000100015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132007000100015&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 13 jun. 2019

NASCIMENTO, Edaniele Cristine Machado. **Processo histórico da educação infantil no brasil: educação ou assistência?**. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17479\\_9077.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17479_9077.pdf)>. Acesso em: 08 mar. 2019.

NASCIMENTO, Voltolini; HOLIVEIRA, Maria Aparecida; OLIVEIRA, Maria. **Afetividade na Educação Infantil**. Revista Saberes Docentes. MT-Brasil, v. 3, n. 3. 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Marcio/Downloads/79-57-1-PB.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2019

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: crianças, faz de conta & cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 17. ed. São Paulo: Ática.2004. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/372320270/Psicologia-Educacional-Piletti>>. Acesso em: 24 mar. 2019

PINTO, Alves. **Cadê? Achou!:** educar, cuidar e brincar na ação pedagógica da creche: 0 a 3 anos e 11 meses: Livro do professor da educação infantil, creche. Curitiba: Positivo, 2018.

PONTES, Eliane Cristina. **O Processo Ensino-Aprendizagem na Perspectiva Histórico-Cultural**. UNESPAR – Campos Paranaíba, 2014. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_unespar-paranavai\\_ped\\_pdp\\_eliane\\_cristina\\_pontes.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-paranavai_ped_pdp_eliane_cristina_pontes.pdf)> Acesso em: 14 jun. 2019

REGO, T.C. Vygotsky – **Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 183 p. cap.2.

REVISTA CONSTRUIR NOTÍCIAS. **Edição Especial: BNCC**. Pernambuco: julho/agosto, n.95, jul. 2017

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SARMENTO, M. J. **A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade.** In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. (Orgs). Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da infância: correntes e confluências.** In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares (Org.). Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação)

SOUSA, Rayara; RAMOS, Fraçois ;SOUSA, Francisca. **A afetividade e sua influência no processo da aprendizagem nas crianças.** Revista Expressão Católica. v. 7, n. 2; 2018. Disponível em: < file:///C:/Users/Marcio/Downloads/2432-6190-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019

SOUZA, Maria Cecília Braz Ribeiro de. **A concepção de criança para o Enfoque HistóricoCultural.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2007.

VIGOTSKYI, L. S. **El problema del entorno. In: Fundamentos de Podologia. Leningrado:** Izdanie Instituto, 1935. \_\_\_\_\_. Obras escogidas. v. I. Madrid-España: Visor, 1991. \_\_\_\_\_. Obras escogidas. v. II. Madrid-España: Visor, 1995. \_\_\_\_\_. Obras escogidas. v. IV. Madrid-España: Visor, 1996. \_\_\_\_\_. LURIA, A.; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone/Edusp, 1998. \_\_\_\_\_. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento.** Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/me4686.pdf>>. Acesso em: 17 abri. 2019.

WALLON, Henri. **psicologia e educação da infância.** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

ZAPORÓZHETS, A. **Importancia de los períodos iniciales de la vida en la formación de la personalidad infantil.** In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. La psicologia evolutiva y pedagógica en la URSS. (Antologia). Moscou: Editorial Progresso, 1987.

## APÊNDICE

Questionário realizado com as professoras, afim de complementar os estudos sobre **AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM**.

### FORMULÁRIO SIMPLES DE PERFIL

IDADE: \_\_\_\_ ANOS                      ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

FORMAÇÃO: \_\_\_\_\_ TEMPO DE PROFISSÃO: \_\_\_\_ ANOS

COM QUAL TURMA TRABALHA: MATERNAL I ( ) MATERNAL II ( )

### QUESTIONÁRIO

1. Quais as três primeiras palavras que você pensa ao ouvir o termo **Afetividade**?

A. \_\_\_\_\_ B. \_\_\_\_\_

C. \_\_\_\_\_

2. Quais atitudes você considera que podem evidenciar a afetividade entre professor e aluno dentro da sala de aula? Cite 3

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Você costuma inserir em suas práticas pedagógicas atividades que visam desenvolver a afetividade da criança? Cite 2 atividades principais.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Para você qual a importância da afetividade no processo de aprendizagem?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_